TL 4524

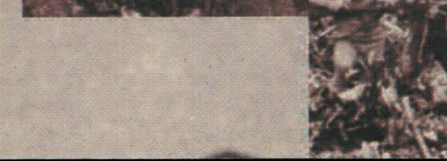
Jornal de Engenharia

Departamento informativo AEFEUP
Março 1998

GRATUITO

N.12

Timor Ingin Merdeka Tetapi Indonesia Melarang!



TIMOR

Relatos de uma luta

2 Editorial & Ficha Técnica

Porquê Timor?

De lá, só chega (poucos) quem consegue fugir e muitas notícias de crueldade sobre um povo simples, doce, pacífico e nobre.

Sangue, Tortura, Violações, Morte, Resistência, Ximenes, Xanana, Dili, Santa Cruz, Ramos Horta, são palavras que fazem qualquer português pensar em Timor Leste. Mas Timor tem a sua História, a sua identidade. E Portugal e os Portugueses desde que se cruzaram com o povo Maubere, fazem parte dessa História e identidade. Por mais que os políticos indonésios lhes chamem 27ª província, nada mais além da posição geográfica liga Timor Leste à Indonésia. A língua, a cultura, hábitos alimentares, religião e outros comportamentos são díspares das referências indonésias.

Noutros tempos, Mário Soares, achava (no Portugal Amordaçado) que: "Timor era uma caravela Indonésia que nada tinha a haver com Portugal"; eu, antes pelo contrário, penso que Timor está por engano lá longe, encravado no Arquipélago Indonésio.

Na edição do JE nº12, convidamos o Sr. Eng. António Barbedo, Prof. Catedrático do Dept. Eng. Mecânica e Gestão Industrial da FEUP, Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, para nos falar de Timor. Foi organizador e coordenador de jornadas, conferências, participou na **Missão Paz em Timor,** juntamente com outros jovens de 24 países, num Barco de Paz (Lusitânia Expresso). Autor de vários livros, nomeadamente: Timor Leste, Mensagem aos Vivos(1983); Timor Leste, Terra de Esperança (1992); Timor Leste, Ocupação Indonésia e Genocídio(1992).

Enquanto em Timor a força for vontade; Enquanto a justiça for injusta; Enquanto a tirania for poder; Enquanto os militares indonésios forem ordem; Enquanto a montanha for esconderijo; Enquanto a esterilização for contracepção; Enquanto a tortura for diálogo;
Enquanto a razão for morte…

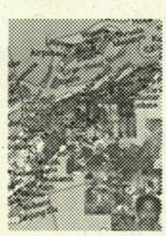
Eu serei Timorense.

Maria Pedro Versos

P.S. Entre 20 a 24 Abril, vai decorrer a semana da cultura na FEUP. Uma iniciativa organizada pela AEFEUP, que resolveu dedicar inteiramente um dia a Timor. Também, no dia 23 de Abril, decorrerá em Lisboa, a 1ª Convenção Nacional Timorense na Diáspora.
Para os mais interessados, podem navegar na WEB em www.freedom.tp

INDICE

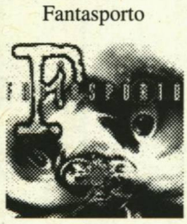
3 Entrevista
6 Timor na Memória
7 Lei de Inércia
8 História de uma Traição
10 Ambiente
12 Praxe
14 Geração à rasca
15 A.E.F.E.U.P.
16 B.D.
17 Ciência
18 Cartas dos Alunos
19 Pink Floyd



TIMOR

Legenda:
Timor quer a independência mas a Indónesia não deixa!

Suplemento:
Fantasporto



Direcção:
Hugo Santos
Maria Pedro Versos
Xana Póvoas

Redacção:
André Gonçalves
Francisco Câmara
Helena Ferreira
Hugo Santos
Idália Nogueira
Maria Pedro Versos
Paulo Leonel Carvalho
Paulo Coelho
Pedro Ramos
Pedro Travessa
Xana Póvoas

Montagem e Grafismo:
Hugo Santos
Francisco Câmara

Desenhos:
Francisco Câmara

Capa:
Hugo Santos

Fotografia:
Francisco Câmara
Hugo Santos

Impressão:
Tipografia Fonseca Lda.

Tiragem:
2000 Exemplares

Agradecimentos:
Benjamim Martins
JN - Impressão de Fotolitos

Contacto:
Jornal de Engenharia
AEFEUP
Rua dos Bragas,
4050 Porto
Tel.: (02)2041633 / 2041823
Fax: 2041899

Depósito Legal:
118727/97

jornal@cindy.fe.up.pt

Agradecemos ao JN o apoio prestado

Dar Voz A Um Povo

Helena Ferreira

Para melhor compreendermos a situação de um povo que historicamente está interligado a Portugal, Timor Leste, entrevistamos o Prof. Barbedo de Magalhães

JE: Quais os motivos que o levaram a interessar-se pela questão de Timor, intervindo tão intensamente para a resolução do problema?

BM: Já antes do 25 de Abril as colónias portuguesas, na sua generalidade, me suscitavam interesse. Por mero acaso, nos finais de 1974, fui para Timor a fim de cumprir o serviço militar. Mais tarde, em trabalho civil propriamente dito, participei numa comissão para a reestruturação do ensino em Timor, tendo aí permanecido até Agosto de 1975. Essa comissão estava enquadrada num projecto para descolonizar Timor. Nessa altura conheci muitos timorenses, criando grandes laços de amizade, o que também me proporcionou um maior conhecimento da realidade daquele povo. Obviamente, afectou-me imenso o assassinato de uma série de amigos, o que se traduziu num grande empenhamento da minha parte nesta questão, dando voz a quem não se podia manifestar.

JE: Até que ponto a descolonização efectuada por Portugal e a época nublosa, que se viveu após o 25 de Abril, foram prejudiciais para o Povo Maubere?

BM: Foi péssima! Infelizmente, Portugal não fez nenhuma descolonização, simplesmente abandonou as colónias. Durante muitos anos, o regime de Salazar chegou a investir mais de 40% do Orçamento de Estado numa guerra criminosa e estúpida, sem gastar um tostão na preparação dos povos para a auto-determinação, de modo a que fosse possível viverem em liberdade e em democracia. Quando tinha a vossa idade, em 1965, fui um dos 101 subscritores de um documento extremamente crítico em relação à política colonial portuguesa. Nesse documento, dizíamos que essa guerra não era a via de resolver os problemas; era preciso dar voz aos povos das colónias, era preciso preparar a descolonização a fim de evitar que no fim houvesse um racismo negro resultante do racismo anterior.

JE: Há quem estabeleça pontos de comparação entre a viragem à esquerda na política portuguesa com o facto da Indonésia anexar Timor. Pensa que contribuiu?

BM: Não, apenas contribuiu, mais tarde, como justificação perante o Mundo. A decisão da anexação é do domínio público no fim de semana de 6,7 de Setembro de 1974, após o General Suharto conferenciar, em Wonosobo com o Primeiro Ministro australiano, Goug Witlam. Aí, este reitera-lhe o seu apoio com respeito à anexação de Timor, considerando que essa é a melhor solução para garantir uma maior estabilidade na região. Nesta data, Portugal era dirigido pelo General Spínola, estando ainda o 11 de Março longe. Como tal, a viragem à esquerda não tinha sido efectuada, não sendo, de modo algum o factor decisivo para a invasão.

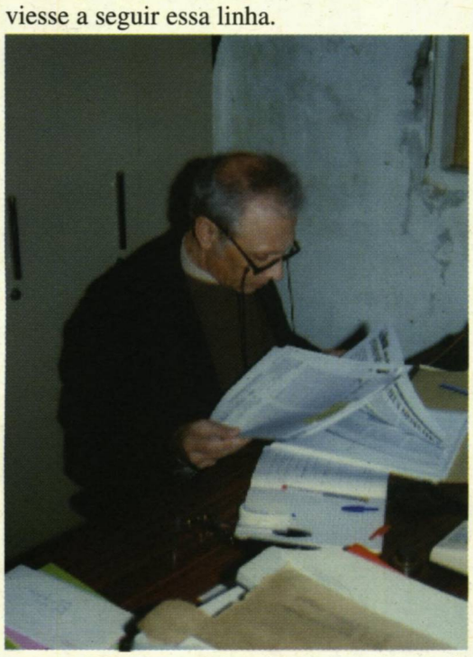
JE: E a Guerra Fria, já influenciou essa decisão?

BM: Naquela época, o Ocidente considerava que era premente deter o avanço comunista apoiado pelo expansionismo soviético. De facto, a chegada ao governo cambodjiano dos Kmer Vermelhos, a tomada do poder pelos comunistas do Pathet Lao, com a expulsão dos "conselheiros" americanos no Laos e a queda de Saigão nas mãos dos norte-vietnamitas deixaram o Ocidente demasiado apreensivo. Na visão dos principais estrategas ocidentais, havia sérias hipóteses de em Timor Leste vigorar um regime marxista, transformando-se numa Segunda Cuba, agora no Sudeste Asiático. Como Henry Kissinger refere, *"Ninguém sabia que efeito teria a teoria do dominó."* Segundo esta, a queda de uma peça arrastaria a da seguinte, e assim sucessivamente. É aqui que se baseia o apoio à Indonésia como forma de defender o chamado "Mundo Livre".

JE: Quem apoiou, política e militarmente a Indonésia?

BM: A Indonésia recebeu apoio político por parte dos EUA, Reino Unido, Alemanha, França, Japão e Austrália. Os EUA também apoiaram militarmente. De facto, os

indonésios pretendiam controlar a ilha em poucos dias. Passado um ano, perante a constatação de que o objectivo não tinha sido conseguido, os EUA forneceram aviões, com apoio dos quais, foram dizimados 30% dos habitantes; 90% do gado morreu e as culturas foram destruídas. A URRS, (ainda existente na altura) foi omissa nesta questão, porque o PC Indonésio, aniquilado pelo general Suharto (em 1965/66) era pró-chinês, logo não lhes agradava, nem convinha que Timor viesse a seguir essa linha.



JE: O receio ocidental, perante a implantação de um regime marxista-leninista na ilha era justificado?

BM: Julgo que não, havia poucos timorenses seguidores do marxismo-leninismo e estes encontravam-se em Portugal. Além disso, o PCP era crítico em relação à FRETILIN.

JE: De que forma reagiram as Nações Unidas?

BM: Aquando do ataque maciço a Dili, aos portugueses, sem apoio dos principais aliados, restou apenas a retirada para a ilha de Ataúro. No próprio dia da invasão, foi apresentada queixa nas Nações Unidas, de forma a tomar-se posição contra a agressão indonésia. Sucessivas resoluções da ONU, têm reconhecido que o *"povo do Território deve exercer livremente o direito à autodeterminação e independência"*, mas nenhuma acção concreta foi efectuada nesse sentido. Tal deve-se à actuação dos principais governos ocidentais, como pode ser comprovado nas *"Memórias"* do Representante dos EUA na ONU, Daniel Moynihan, em que se gaba de ter cumprido com eficácia a missão que lhe foi incumbida: evitar que fosse posta em prática qualquer medida das Nações Unidas contra a Indonésia.

JE: Qual o interesse e apoio do Vaticano na anexação?

BM: Os católicos indonésios, além de a apoiarem, foram alguns dos principais mentores junto do General Suartho. O seu interesse advém de serem uma minoria, 3%, no maior país islâmico, 200 milhões de habitantes e a anexação de um território predominantemente católico os reforçar consideravelmente. Além disso, davam provas do seu nacionalismo o que significava novas benesses junto do General Suharto.

JE: Na actualidade, o Papa está empenhado na Causa de Timor?

BM: Alguns passos dados pelo Papa, nem sempre de acordo com a diplomacia do Vaticano, têm-se revelado importantes. Há a salientar a visita a Timor a 12 de Outubro de 1989, apesar de toda a controvérsia devido a não ter beijado o chão, o envio de um cardeal prestigiado para investigar o massacre de Santa Cruz e finalmente a forma inteligente como criou a 2ª diocese e escolheu o respectivo bispo. Mas é evidente que há passos anteriores no sentido contrário. O próprio Bispo Ximenes Belo foi nomeado por ser um jovem padre sem experiência, desconhecedor da realidade de Timor, pois encontrava-se em Portugal quando os problemas surgiram.

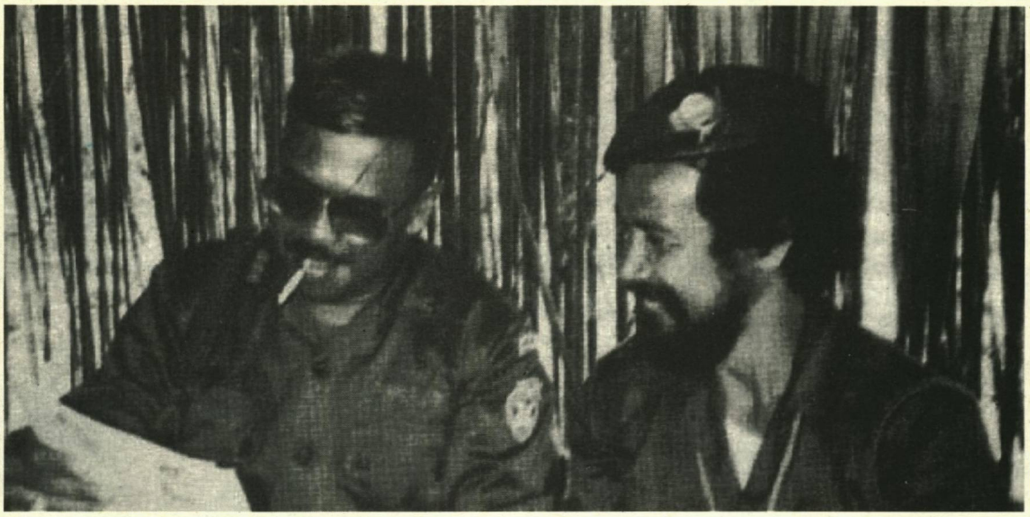
Mas, contra as expectativas, revelou-se uma personalidade forte e um dos principais defensores do seu povo. Quando ele propôs ao Secretário Geral da ONU um referendo em Timor Leste, mostrou claramente que não tinha sucumbido às pressões nem do Governo Indonésio nem da diplomacia do Vaticano. Inclusive ainda se encontram retidas, pela Igreja mais de cem cartas de bispos dirigidas à ONU a apoiarem a sua proposta.

JE: Figuras do poder político português, como o Presidente da República e o Primeiro Ministro têm sido membros activos na resolução do problema? Ou existe hipocrisia?

BM: Nenhum dos dois é hipócrita na questão de Timor. Tal pode ser corroborado pelo empenhamento mostrado em várias situações.

Só com muita inteligência e habilidade, foi possível ao Primeiro Ministro levantar o problema de Timor, numa reunião realizada em Bangkok, quando todos os parceiros da CEE faziam pressões para que tal não acontecesse. António Guterres conseguiu assim tornar Timor no tema mais focado. Na entrega dos prémios Nobel da Paz, ao Bispo Ximenes Belo e ao Dr. Ramos Horta, em 10 de Dezembro de 96, o Presidente da República fez uma intervenção de uma dignidade e clareza extraordinárias. No debate através da CNN com o embaixador indonésio na ONU, não era possível seguir uma linha mais correcta do que aquela que por ele foi defendida.

Agora quanto aos anteriores governos já não se pode considerar que a sua conduta tenha sido das mais empenhadas. Houve uma evolução progressiva positiva.



JE: Nos últimos anos, têm-se encetado várias acções com o propósito de uma futura libertação de Timor. Como define a actual situação?
BM: A situação em Timor continua a ser de repressão e de autêntico terror. Recentemente, o Sr. Manuel Carrascalão desistiu de se candidatar a deputado pelo Partido Governamental Indonésio, pois considera que a ocupação não trouxe nada de útil para o seu povo. Ele afirma que os generais Indonésios criaram um grupo terrorista de assassinos para eliminar alguns timorenses, nomeadamente os do movimento que ele criou, o da Reconciliação Nacional. No quotidiano é prática comum o assassinato discriminado, as prisões arbitrárias, as torturas até à morte e violações. Desse ponto de vista não há praticamente mudanças.
No plano internacional, as coisas felizmente tem mudado muito, principalmente desde a atribuição do Prémio Nobel.

JE: O êxodo dos timorenses para Portugal e outros países, deve-se a esse extermínio?
BM: A muitos deles não lhes resta outra alternativa porque os "desaparecimentos", isto é, assassinatos políticos, continuam a ser relativamente frequentes. Aliás, há pouco tempo o único Professor Universitário Timorense em Universidades Indonésias, Lucas da Costa, desapareceu. Foi apanhado por elementos dos serviços secretos vestidos à paisana mas, tendo havido muita reacção internacional acabou por ser libertado, bastante traumatizado, passado cerca de três semanas.

JE: Qual a situação dos timorenses que vêm para Portugal? Como subsistem?
BM: A comunidade timorense em Portugal, já passou por várias fases. Embora inicialmente a sua situação tenha sido demasiado precária, com este novo Governo e consequente criação do Ministério da Solidariedade tem vindo a melhorar de forma clara e substancial.Neste momento está em perspectiva a divulgação de "Projectos de Vida" para esses timorenses, tal como para outros indivíduos. Existem bastantes estudantes nas escolas portuguesas, a sua principal dificuldade assenta na estrutura da língua portuguesa pois é totalmente diferente da língua indonésia.

JE: Como é que o povo timorense tem conseguido resistir e sobreviver nessa luta?
BM: Eles não têm nenhum apoio internacional. Mas têm, sozinhos com o que tiram às tropas indonésias, conseguido algo que quase ninguém acreditava, resistir numa meia ilha contra uma potência tão poderosa. Conseguir mais, seria impossível.

JE: É a favor de uma intervenção militar para libertar Timor?
BM: A esse respeito, acho que em termos jurídicos era obrigação da Comunidade Internacional repôr a legalidade utilizando a força, se necessário, como no caso do Kuwait. Pessoalmente, sendo mais adepto dos métodos pacíficos do que dos métodos violentos, sempre achei que se devia privilegiar uma solução política pela via do diálogo e julgo que essa seria suficiente, desde que houvesse verdadeiro empenhamento das Nações Unidas. Face à realidade existente a resistência armada por parte dos timorenses é um direito.

JE: Qual o futuro para Timor? De que forma está interligado com a situação do regime político indonésio?
BM: O futuro de Timor só pode ser aquele que o seu povo quiser. Tenho poucas dúvidas sobre o sentido da sua escolha. Cada vez mais dão sinais que querem a Independência.
A situação económica, social e política que se vive na Indonésia mostra que o regime está em queda. No entanto os seus autores podem ainda acentuar mais comportamentos violentos, quer em Timor quer na própria Indonésia. Desde 96, quando o poder de Suharto começou a ser contestado, vive-se em Timor um clima horrível. O regime e os militares ao sentirem o poder a fugir agem de uma forma mais bruta e repressiva, portanto a situação pode ter ainda aspectos muito dramáticos. Tudo depende do apoio que for dado às forças democráticos da Indonésia, de que a Sr ª. Megawati é um símbolo, mas está longe de ser única e talvez a principal. O PRD (Partido Popular Democrático Indonésio) cujos dirigentes estão na prisão, tem sido grandes defensores da independência de Timor Leste.

JE: O quanto Xanana Gusmão é importante para Timor?
BM: Trata-se de uma pessoa com sensibilidade de artista, modesta e apagada até ao dia em que, com a Resistência quase completamente destroçada, decidiu percorrer as montanhas de Timor Leste à procura de companheiros sobreviventes. Sensível aos apelos do seu povo e intimamente irmanado com eles, Xanana Gusmão restrutura a Resistência. Mesmo depois de detido foi capaz de transformar uma derrota da Resistência numa grande vitória, ao induzir os indonésios a fazer um julgamento público, onde mostrou, de novo a garra do lutador e líder que é. A sua libertação é essencial para a resolução do problema de Timor, pela via do diálogo. O seu prestígio é essencial para evitar conflitos que acompanham frequentemente as mudanças políticas.
Xanana Gusmão, o Bispo Belo e o Bispo D. Basílio do Nascimento, bem como outros líderes da Resistência Timorense podem e devem ter um papel muito importante numa solução de Paz, que respeite o direito à autodeterminação do povo de Timor Leste.

6 Timor Na Memória

Helena Ferreira

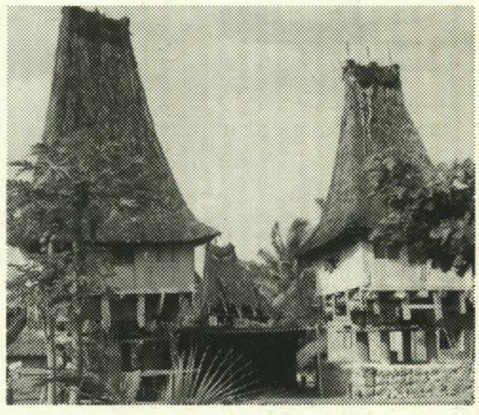
"Desejamos uma democracia baseada nos direitos humanos, onde todos são bem-vindos, independentemente da raça, cor, nacionalidade..."

Noutro continente, noutro hemisfério, numa meia ilha tropical em que montanhas e praias se diluem harmoniosamente, ouve-se o choro calado daqueles homens, daquelas mulheres que resistem estoicamente à força das investidas de quem lhes quer aniquilar a identidade. Ora resistem embrenhados nas florestas, ora resistem mostrando o rosto marcado pelo sofrimento de duas décadas, ao Mundo.

Fugindo a toda a espécie de pressões e violentações, até mesmo da morte, alguns deles, frequentemente, desembarcam em Portugal. Desse modo, no contexto estudantil, é possível conhecer alguns dos timorenses que, embora trocando a terra natal, Timor Leste, pelas terras ocidentais continuam esperançosos no retorno. Nessa situação, conhecemos Benjamim Martins, estudante timorense na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Com uma voz pausada, soletrando ainda algumas palavras, o português não tem sido fácil de aprender, fala-nos com alento do seu povo, da sua vida de resistente, do futuro... Através do seu testemunho conhecemos o viver daquelas gentes, não só os massacres, torturas e conferências, tal como a imprensa têm vindo sucessivamente a noticiar, mas a essência daquela sociedade com raízes e estruturas implantadas.

Em Timor subsiste-se praticamente só com a produção agrícola em terrenos próprios para consumo próprio. No mercado os produtos escasseiam, não havendo grande variedade já que não depende da procura, mas apenas da oferta de quem necessita de dinheiro.

Por questões de segurança, as populações escolhem as cidades para habitar, tal êxodo deve-se ao facto de que desde a invasão, as tropas indonésias destruem continuamente as pequenas aldeias desprotegidas.



Entre os timorenses são vigentes as hierarquias familiares, existem clãs patriarcais e matriacais, estabelecendo-se entre os seus elementos uma relação solidária; quando algum deles está perante um problema regressa à casa de origem para conjuntamente com os seus familiares encontrar a melhor solução.

Todas as instituições públicas em Timor são controladas pelos indonésios, inclusive o território tem vindo a ser ocupado fisicamente; aquando da invasão havia 600 000 habitantes na ilha, passados 20 anos há 700 000, número que abarca timorenses juntamente com indonésios, de referir que em Dili 50% da população é indonésia. Estes números devem-se ao exterminío progressivo do Povo Maubere. Além dos assassinatos, longos anos de fome e uma precária assistência médica têm motivado essa diminuição de população. De facto, na cura de doenças recorrem aos métodos ancestrais de mezinhas à base de plantas naturais, já que os hospitais sob o domínio do ocupante não lhes despertam confiança.

A ocupação indonésia não se vincula somente aos aspectos físicos, subtilmente têm mexido no campo psicológico, cortando as raízes da cultura timorense com o intuito de uma assimilação da cultura indonésia. Assim apagar-se-iam os resquícios do desejo de serem um povo independente. Essas acções notam-se na própria paisagem da ilha, certas características têm sido anuladas, veja-se o exemplo dos telhados de colmo substituidos por placas de zinco. Aos jovens, ainda sem ideias estruturadas e concretas, é leccionado um tipo de ensino de qualidade duvidosa e demasiado politizado, tentando dessa forma que estes adiram ao regime indonésio e quebrem a resistência à assimilação. Mas os objectivos não têm sido conseguidos, pois como Benjamim Martins refere: " A história já mostrou que não nos vergaremos, aqueles que um dia foram um povo, não mais deixarão de o ser".

É com respeito e admiração que ouvimos as palavras serenas e apaziguadoras deste jovem timorense quando se refere, sem rancor, ao país que tanto sofrimento provocou ao seu povo, quando acredita ainda vir a viver num país democrático, em coexistência pacifica com a Indónesia.

Actividades

Xana Póvoas
A.E.F.E.U.P.

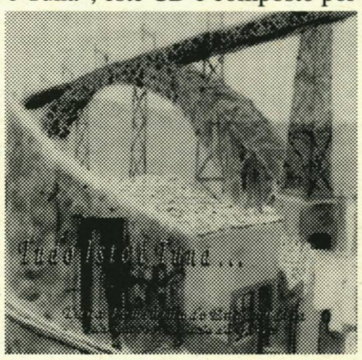
Calendário de Actividades

Paralelamente a estas actividades e com o intuito de tornar cada vez mais agradável a estadia de todos os alunos nesta Faculdade, a AEFEUP instituiu as tardes desportivas e de cinema com a projecção de filmes e eventos de desporto na sala de convívio; estas tardes serão repartidas da seguinte forma: às segundas e sextas-feiras, das 16:00 às 18:00, terão lugar as tardes de cinema, que consistirão na projecção de filmes e visionamento dos *previews* dos filmes a decorrer nos cinemas AMC; às quartas-feiras à mesma hora, serão as tardes desportivas, com a projecção de alguns momentos históricos de desporto nacional e internacional. Poderão ainda assistir a grandes eventos em directo, como é o caso das Finais Europeias de Clubes e o Mundial de Futebol França '98, tendo ainda acesso a algumas ofertas especiais.

A AEFEUP espera assim proporcionar um bom 2º semestre a todos os estudantes desta Casa, aliando a cultura e o desporto à ocupação dos tempos livres dentro da própria Faculdade.

Música no feminino

Nascida em Maio de '92, a Tuna Feminina de Engenharia começou por ser um pequeno grupo com um objectivo em comum: levar a tradicional cultura musical Ibérica através da verdadeira atitude académica cada vez mais longe. Depois de muito esforço e dedicação, finalmente se alcançou a concretização de um sonho antigo: a gravação de um CD! Sob o nome de "Tudo isto é Tuna", este CD é composto por 11 temas pertencentes ao repertório da TUNAFE, tendo sido o fruto de trabalho de várias gerações.



A TUNAFE deixa expressos os seus mais sinceros agradecimentos a todos os que de alguma forma contribuíram para a sua realização. "Tudo isto é Tuna" está disponível em CD e K7 na Sala das Tunas e na papelaria;

Não deixes para amanhã o que podes ouvir hoje!!!!

Actividade	Data	Local	Organização
I Fim-de-semana no Gerês	14,15 Março	Vilarinho das Furnas	Dep.Núcleos e desp. Radicais
Descida do Rio Mondego	20,21,22 Março	Rio Mondego	Dep. Desportivo
Feira de Informática	20 a 24 Abril	Ginásio da FEUP	Dep. Recreativo e Cultural
IV Semana Cultural	20 a 24 Abril	Faculdade de Engenharia	Dep. Recreativo e Cultural
II Challenger Universitário	24,25,26 Abril	Vilarinho das Furnas	Dep. Desportivo
Feira de Emprego	27 a 30 Abril	Faculdade de Engenharia	Dep. Relações inter. e BEST
Concurso de Música Moderna	29,30 Abril 1 Maio	Sala Convívio da AEFEUP	Dep. Engenharia Rádio

Colaborar com o JE

Muitos dos nossos colegas, não sabem como podem participar na realização do jornal de Engenharia, mas é simples....não é necessário conhecer as supostas pessoas certas, nem não se dar com as supostas pessoas erradas, basta dirigirem-se à A.E.

O JE está receptivo a qualquer temática. Mas um jornal não consiste apenas em escrever textos, é necessário para cada edição, fazer o seu tratamento, elaborar o grafismo para cada número e garantir a sua distribuição.

Se te enquadras em algum destes items ou se apenas queres dar a tua opinião sobre qualquer assunto, aparece.

ESTÚPIDO
IGNORANTE
QUAL O PRODUTO DAS MATRIZES ARB
BURRO!
V
40.000 2 BILIÕES!
(BURRO)²!
QUAL É A RESPOSTA DA 2?
Chico 98
QUE MELGA!
CHATO DO C**...
GUELFIE... ...COM ISTO JÁ FAÇO ALGA!
É MESMO PATO BRAVO
PATO!!!
QUACK QUACK
40.0002 BILIÕES!? FOI A MESMA RESPOSTA QUE ELE DISSE PARA AS PERGUNTAS ANTERIORES!!
ACHO QUE FUI ARRAB....
DIAS DEPOIS...
ALGA!
4!?
AUCH
FEUP!
SPLASH!
MAIS UM GAJO QUE CHUMBOU...
VASCO
Exames

As Cruzadas da Congelação

17

Idália Nogueira
Pedro Versos
André Gonçalves

A ideia de estar congelado, e depois ressuscitar parece ridícula, mas a mim não me causa qualquer obstáculo.

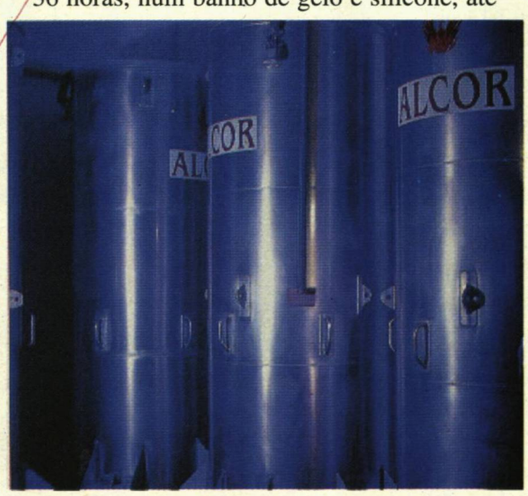
Eles são 35 os que permitiram o seu congelamento após a morte, na esperança de um dia ressuscitarem. Paul Garfield é dubitativo. "Eu, adoraria que a vida continuasse - declara o octogenário - se Deus existe, tanto melhor, mas a título de precaução prefiro confiar na ciência". Foi assim que em 1994, Paul Garfield, confiou à Alcor, no Arizona, a responsabilidade de o congelar.

Uma aposta igualmente tentada por Jerry Searcy, 56 anos, "adoro a ficção cientifica. A ideia de estar congelado, e depois ressuscitar parece ridícula, mas a min não me causa qualquer obstáculo."

Para Brian Shock, o director da Alcor, "É importante que a nossa vizinhança não tenha uma ideia errada das nossas actividades, mais vale explicar-lhes. Quando nos instalamos no Arizona, explicamos tudo às autoridades. Deveríamos ter feito o mesmo com o Município de Riverside, do tempo em que permanecemos na California.

Flash-back: No inicio dos anos 90, o Estado da California decide desembaraçar-se da Alcor. Um médico acusa a companhia do congelamento de Dora Kent, uma aderente de 83 anos, antes do último suspiro. Alcor defende-se, ganha os seus processos, conserva na mesma Dora congelada.

Ali estão conservados os primeiros clientes da sociedade. Segundo Brian Shoch, "Nós devemos intervir, antes que o processo degenerativo que se segue ao falecimento, não esteja muito avançado. Na medida do possível, queremos estar no Hospital, antes que o paciente seja declarado clinicamente morto. Uma vez em Alcor, são instalados numa cama de gelo, onde os cirurgiões, lhes abrem a caixa torácica, trespassando cânulas na aorta, e aí fazer circular uma solução à base de glicerina e de antigelo de qualquer tipo. A solução utilizada, toma o lugar da água, o que permite minimizar os desgastes. A congelação propriamente dita pode agora começar. O paciente, é agora imerso durante 36 horas, num banho de gelo e silicone, até



atingir a temperatura de -79ºC. A última etapa desenrola-se num período de 7 a 10 dias. Consiste em transportar o corpo, ou a cabeça, à temperatura de -196ºC, graças ao azoto liquido. Neste momento, o cliente, adquire a consistência de um vidro. É preciso muita prudência para o manipular.

O contrato assinado por cada um dos aderentes, previne à partida que é impossível saber se os pacientes regressarão ou não à vida.

Michelle Olga Visser, uma investigadora da Universidade de Pretória, na África do Sul, fez soprar um vento de esperança, quando enunciou em 1996, que havia congelado um coração de rato, que retorqui à temperatura ambiente.

Qualificado de " má ficção cientifica", o seu artigo foi rejeitado pela revista de referência CRYOBIOLOGY. Alguns meses mais tarde, a 1 de Janeiro de 1997, a Sra. Visser, veio apresentar os seus trabalhos no festival de tecnologia de criogenia, que foi realizado pela Alcor, no Arizona. Diante de uma assistência, detalhou o programa do dia seguinte: Nós vamos congelar um coração de rato, reaquecê-lo, e fazê-lo bater novamente. No dia 2 de Fevereiro, então, um coração foi mergulhado durante 20 minutos pela investigadora em azoto liquido. Infelizmente uma vez remetido a 37ºC, recusou-se a bater. "Fiz esta experiência dezenas de vezes", como que a sugerir que os ratos americanos lhe davam azar. Depois de meio dia, 4 novas tentativas falharam."Tenho a certeza, de ter detectado um movimento do ventrículo na 1ª experiência", assegura a Sra. Visser, enquanto o público despeitado se dispersava.

Brian Shock, tem esperança de um dia poder fazer realmente algo, por todos os aderentes da Alcor. Confia na progresso da ciência.

Bibliografia: *Science et Vie*
Nature
Sciences et Avenir

Cartas dos Alunos

Praxe

A praxe é uma grande incógnita para todos aqueles que entram pela primeira vez para uma faculdade, como tal é susceptivel à ideia deturpada daquilo que representa, isto devido a informações generalistas que nos chegam a casa pelos jornais ou por qualquer outro tipo de meio de comunicação.

A praxe é um conjunto de tradições e costumes de uma academia e mais em particular de cada faculdade, no entanto, a ideia de praxe, e no meu ponto de vista, confunde-se para muitos com o massacrar dos caloiros, que, por sua vez, não sabendo do que se trata normalmente, ficam bastante assustados. Os caloiros estão, pois, numa posição vulnerável entrando num mundo muito vasto, o mundo universitário.

No caso restrito da FEUP a praxe é bastante salutar, com as suas devidas falhas pontuais, o que é aceitável dado que: dirigidas por pessoas e para pessoas torna-se compreensivamente falível; mas em comparação com o resto da academia e das academias é sem dúvida uma das melhores.

Existem ainda falhas graves que me entristecem que é por exemplo quando se usa o traje num dia normalíssimo e alguém pergunta: "ONDE É A FESTA HOJE?". Dá-se a imagem do traje não ser uma roupa usada por gosto, não se identificando o estudante com ela, mas sim usada de maneira a que o resto do mundo saiba que aquele indivíduo aos pulos num bar com colete desapertado e gravata na cabeça é um estudante universitário. São poucos os que o usam com respeito, orgulho e humildade.

Nem tudo que é praxe neste momento é correcto, mas também não são as atitudes radicais dos "antipraxe" que dão grandes contributos, tentando desacreditar tradições que de maneira nenhuma devem desaparecer. Todos aqueles que acham que existem coisas que estão mal na praxe devem aderir a ela, porque esta é a única maneira de se ter uma voz activa dentro deste meio.

José Gonçalves

Carta à Direcção

A comissão DODOT vem por este meio exercer o direito de resposta em relação a provocações gratuitas feitas por elementos do jornal, do qual V.Exas são directores, esperando ver publicada esta carta na próxima edição do citado.

Factos: Afirmados por Sérgio Almeida, colega, amigo, palhaço. 1) Venda ilícita de jornais na Rua de Santa Catarina. 2) Preço de 1000$00 atingidos pelos mesmos. 3) Destino das verbas como sendo para jogo. 4) Alusão ao Mercado Bolsista.

Reposição de verdade: 1) Os jornais não foram vendidos mas sim cedidos aos transeuntes com o objectivo único de divulgar o Jornal de Engenharia. Tal acto, se a qualidade do acima citado existisse contribuiria para o bom nome desta *mui nobre casa*. Tal acto, infelizmente não contribui para o bom nome desta *mui nobre casa*. Por isso, e por só isso, a referida comissão suspendeu a divulgação deste embaraço à honra e prestigio desta *mui nobre casa*.

2) O valor gentilmente oferecido por um transeunte (por acaso na sequência da cedência de um jornal), já atingiu 2000$00 enúmeras vezes. Porquanto, a afirmação produzida não é de todo verdadeira. Lamentamos assim a tentativa de desprestigiar o "Trabalho" honesto das pessoas que, com carinho e dedicação elevaram através do diálogo o nome desta *mui nobre casa*.

3) É completamente falso que as ofertas em dinheiro serviram exclusivamente para pagar dívidas de jogo. A parte das verbas são utilizadas para proporcionarem um invejável nível de vida aos estudantes intervenientes neste serviço académico, Ex: Viagens, Pérola Negra, jantares muito agradáveis [...] Assim, só uma pequena percentagem das verbas é utilizada para o pagamento de dívidas de jogo, e isto só acontece nos dias em que corre mal.

4) Contactados especialistas no mundo bolsista, estamos em condições de afirmar que seria impossível colocar o JE na bolsa sem que tal acarretasse elevados prejuízos. Segundo os mesmos especialistas [...] foi-nos dito que um jornal do tipo "Avante" não dá aqui nem em lado nenhum, e só é possível angariar tais verbas em simultâneo com a oferta de jornais devido à simpatia e qualidade humana dos intervenientes nesta contenta.

Sugestão: Atendendo às deficiências deste jornal aproveitamos para esclarecer à sua direcção que não basta mudar a apresentação do mesmo. Acima de tudo consideramos ser importante mudar a sua forma. A comissão DODOT sugere que este jornal passe a ter a forma de rolo, preferencialmente de modo a que após algumas dobragens ao gosto de um transeunte, fiquem sempre os ridiculos comentários do insignificante e inadaptado *paparazzi* de meia tigela, chamado Sérgio Almeida, virados para o simpático e generoso "leitor" em questão[...]

Francisco Henriques; Rui Sit (Trofa); Miguel Teixeira; Paulo Curado; Pedro Raimundo; Nelson Queirós

Pink Floyd

19

Francisco Câmara
em94002@crazy.ie.up.pt

Pink Floyd... Depois de muitos tijolos gastos, o muro derruba-se!

No ano de 1967, cinco alunos da Faculdade de Belas Artes de Londres, Roger Waters, Richard Wright, Nick Manson, Bob Close e Syd Barret juntaram-se e formaram a banda Pink Floyd, sendo Syd Barret o seu principal fundador.

Começaram com vários nomes: Sigma 6, T-Ser; Megadeaths, Abdabs e The Pink Floyd Sound, abreviando mais tarde para Pink Floyd. O nome dado à banda resultou da junção de dois antigos músicos de blues - Pink Anderson e Floyd Council (Dipper Boy).

Os Pink Floyd estreiam-se com "Piper at The Gates" e " A Saucerful of Secrets", que aparecem na cena musical comtemporânea de forma inovadora, clivando notoriamente com as bandas de então, utilizando um som paranóico. Mas o mais interessante era que todas as músicas surgiam contextualizadas, deixando uma mensagem de ruptura com a hipocrisia, como se de um manifesto se tratasse. Isto nota-se ainda mais no álbum "Ummagumma"(gíria para sexo).

O principal fundador e responsável pela definição do som dos Pink Floyd foi sem dúvida Syd Barret. Mas em virtude do excesso de drogas, e por algum tipo de irreverência excessiva, Barret fica louco, tendo sido obrigado a sair da banda, visto que não conseguia mais compôr ou tocar. Com isto, Roger Waters, um grande amigo de Barret, homenageou-o com "Wish You Were Here"(1976), em que o tema é a ausência, já que ele (Barret), passou a isolar-se do resto da banda e das pessoas, ou seja do mundo em geral. A capa do álbum mostra um homem sem pés, mãos e rosto, como se se tratasse de uma pessoa que não existisse, tal como todos as outras fotos existentes no álbum, parecendo mostrar-nos uma "falsa presença"; uma ilusão. No entanto, durante as gravações do disco, Barret aparece no estúdio, gordo, maltrapilho e com a cabeça rapada. Assistiu às gravações e só foi reconhecido pelos companheiros da banda horas depois. Syd Barret está vivo ainda hoje.

Mas antes de "Wish You Were Here", é lançado um dos melhores albuns dos Pink Floyd (com David Guilmor já na banda), "The Dark Side of the Moon"(1974). Um trabalho que automaticamente lança a banda para a ribalta, tratando-se de um dos trabalhos melhor explorados, em que todas as músicas versam sobre os males que afligem o homem moderno: o tempo escravizador (Time), o dinheiro (Money) e a solidão (Us and Them).

Logo a seguir, é lançado "Animals"(1976). Mais um álbum controverso em que ataca a sociedade em geral. O conflito entre classes e as desigualdades sociais, caracterizado nas músicas pelos cães "Dogs", porcos " Pigs" e Ovelhas "sheeps", os capitalistas selvagens, os burocratas capitalistas e o povo dominado.

Em 1980, Roger Waters e David Guilmor lançam o mega trabalho, em que foram vendidos milhões de cópias em todo o mundo: "The Wall", em que o tema predominante do disco e do filme é a solidão e o isolamento, sendo o muro uma alegoria ao "muro" que as pessoas constroem em torno de si, para preservar a sua individualidade. A escola, a família e o governo são apontados como os responsáveis pela exarcebação do individualismo e do medo do relacionamento com outras pessoas.

Ainda com a fama do "The Wall" é lançado o último álbum dos Pink Floyd com o Roger Waters; "The Final Cut", parecendo mais um álbum auto-biográfico do que um álbum de uma banda, visto que era dedicado ao pai de Waters. Todo o disco trata sobre os prejuízos da guerra e sobre o desperdício de vidas humanas pelos governantes, referindo-se neste caso a Margaret Tatcher, o que foi entendido como um ataque à Direita em Inglaterra, e uma ofensa para com os Ingleses. Este foi um dos principais motivos que levou à saída de Waters da banda.

Agora somente com três, é lançado "A Momentary Lapson of Reason", em 1987. Este último disco torna-se muitíssimo comercial. Parecia que queriam manter a popularidade que tinham nos anos 60 e 70. Mas em contrapartida os Pink Floyd começaram a ser famosos também pelos espectáculos que davam. Já com a digressão do álbum "Animals" em 76, existia um grande porco em cima do público. Na "tour" The Wall, apareciam porcos e um grande muro que era derrubado no fim de cada concerto. Agora usam a última tecnologia: lasers. Grandes concertos em Veneza, ou em Madrid... mas já não são aquilo que foram em tempos. Parece que os grandes dias da banda já passaram. Os seus espectáculos não deixam de ser grandes manifestações de nostalgia por certo público que ainda alimenta um sentimento de orfandade por uma liderança outrora personificada em Roger Waters e Syd Barret... infelizmente, estão a chegar ao fim!

I CONCURSO DE MÚSICA MODERNA DA FEUP

Dias 29,30 Abril e 1 Maio

Sala de Convívio da FEUP

AEFEUP